

## REFORMA NO CEMITÉRIO

\* Roberto Rodrigues

Xixico era uma destas figuras que só se encontram nas pequenas povoações do sertãozão brasileiro. Magro como uma vara de bambuira, mas ereto como um pé de macaúba, usava o tempo todo um chapéu panamá, única peça de elegância que se permitia. Era o fiscal das obras da prefeitura; hipocondríaco, vivia preocupado com os sintomas que ouvia falar de alguma nova enfermidade, e imediatamente passava a senti-los. Claro que esta característica era conhecida, e, sendo ele um funcionário que andava a vila toda a pé para verificar as mínimas ações da municipalidade, sempre tinha alguém gozando da sua fraqueza.

Uma vez, vinha ele pela rua em uma das suas visitas a “obras”, e um grupo de amigos tomava biritas num bar por onde passaria. Avistado de longe, resolveram pregar-lhe uma peça.

Quando passou pelo bar, chamaram-no para um refrigerante, visto que ele não bebia nada com álcool. Entrou, pendurou o panamá na chapeleira e se sentou para um dedo de prosa.

Um dos paisanos comentou: “engraçado, Xixico, parece que sua cabeça aumentou”, meio assim, como se fosse uma coisa natural. Os demais, um atrás do outro fizeram a mesma observação, todos num muxôxo: \_ “é mesmo, interessante, sua cabeça enlarguesceu”.

Pronto, foi o bastante para o Xixico se desesperar, pondo a mão na cabeça o tempo todo, medindo-a ansioso, enquanto os demais mudaram displicentemente de assunto.

O dono do boteco, outro pândego, pegou o panamá na chapeleira e enfiou umas cartolinas entre a copa do chapéu e a fita que corria por dentro dela, de modo a fazer uma espécie de calço com isso, e pôs no mesmo lugar.

Aturdido, Xixico resolveu ir embora para se olhar em algum espelho, despediu-se dos companheiros, levantou-se e pegou o chapéu. Quando foi enfiá-lo na cabeça, é lógico que não entrou. Desmaiou na mesma hora...

Mas não é esta a melhor história do fiscal da prefeitura de Cruz Branca do Meio.

O prefeito do vilarejo o encarregou de uma tarefa duríssima: como ele dizia, ia “rutificar o sumitério” Tradução: o cemitério era pequeno, e, tinha um problema sério. O velho coveiro, inveterado pinguço, fizera as covas sem nenhum esquadro. Era uma bagunça. Tinha túmulo perpendicular à rua de entrada, túmulo paralelo, túmulo inclinado, enfim, achar um túmulo era uma arte. O labirinto era terrível, e o prefeito resolveu arrumar tudo quando o coveiro bateu as botas. Coveiro novo, cemitério retificado. E encarregou o Xixico da obra.

Difícil, mas ele fez a coisa certa: desenterrou todos os defuntos de muitas décadas, juntou os ossos de cada um num saco de estopa, identificando a ossada com uma etiqueta amarrada na boca do saco, e amontoou tudo na capelinha do cemitério.

Fez um trabalho meticuloso: desmanchou as covas, fez túmulos paralelos perfeitos, de modo que o espaço para novos defuntos quase dobrou, plantou flores nos intervalos e nos cruzamentos das ruas, podou as velhas árvores da entrada para dar-lhes ar mais solene, construiu alguns túmulos novos para eventuais candidatos, enfim, reformou o cemitério para valer. Ficou uma beleza, depois de 6 meses de trabalho!

Mandou buscar os sacos de ossos, e aí deu-se a tragédia: ratos tinham roído a sacaria, as etiquetas, as cordinhas de amarração, e aquilo virou uma mistura de osso com osso sem a menor chance de identificação.

Xixico fez a única coisa possível: distribuiu, equânime, os ossos pelos túmulos, e em cada um pregou uma chapinha de latão identificando o antigo dono com base na lista que, felizmente, organizara.

Até hoje tem gente rezando por defunto errado.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**